

Hommage de l'auteur

**Geraldino Brites**



# **o médico e o ambiente social**

**COIMBRA  
1933**

T

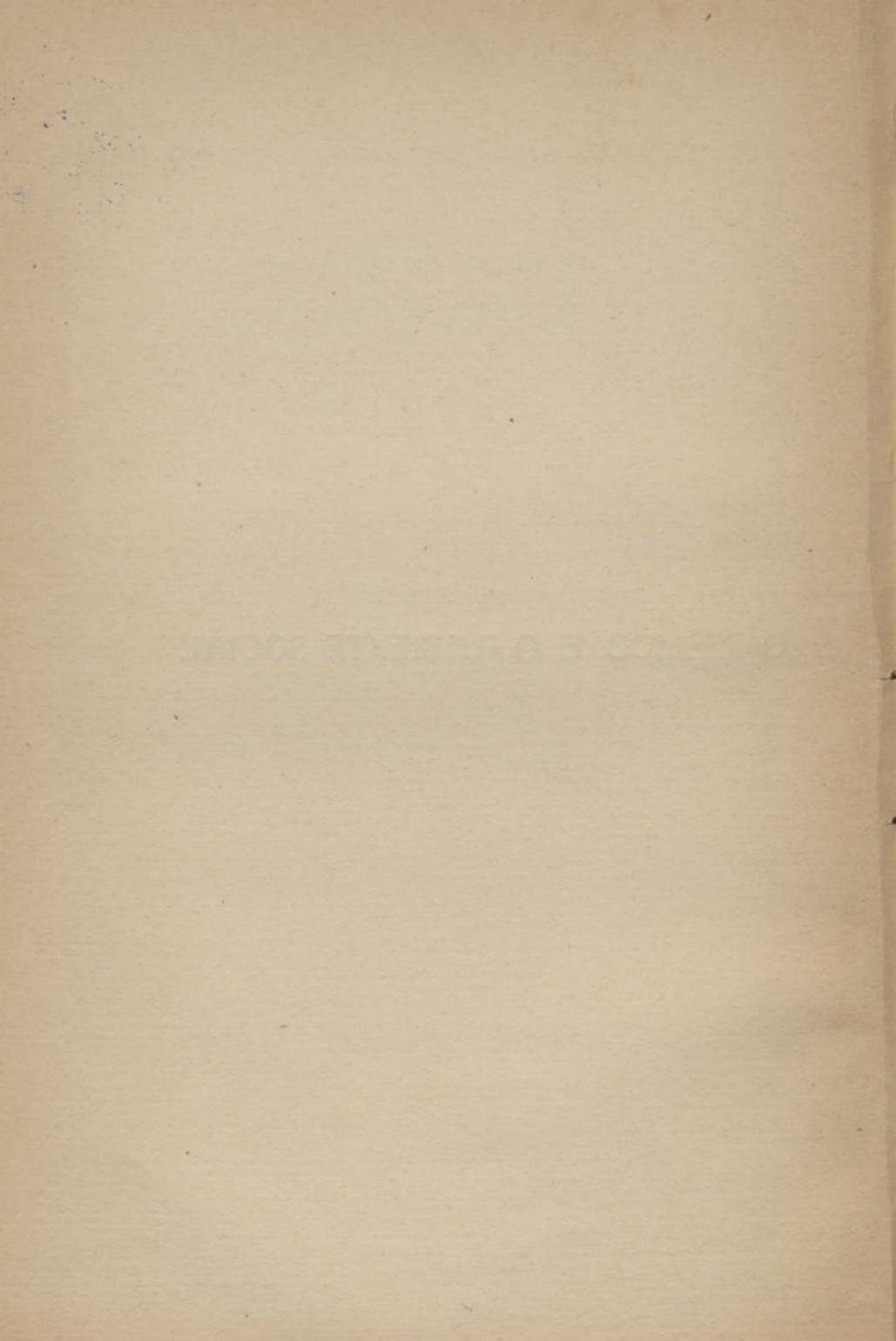
Sala A  
Est. 10  
Tab. 7  
N.º 38

## ERRATAS

Devido a um equívoco da tipografia, o autor não reviu a 3.<sup>a</sup> folha; ha, por isso, erros a corrigir, dos quais os mais importantes são os seguintes:

Pag.	39	l.	10	—	<i>julque</i>
»	41	»	21	—	<i>peso</i>
»	44	»	20	—	<i>afaste</i>
»	45	»	13	—	<i>creches</i>
»	»	»	15	—	<i>assassinas</i>
»	47	»	2	—	<i>fitas</i>
»	48	»	5	—	<i>perseguição</i>

O MÉDICO E O AMBIENTE SOCIAL



INV.- Nº 2115

Biblioteca de Estudos Livres  
VIII

---



2427

Geraldino Brites

# o médico e o ambiente social



AMBROSIO LUCIANO VIVAS  
HOMIULO DE CARVALHO

RC  
MACE  
61  
BRI

COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS LIVRES  
R. de Quebra Costas  
1935

Composto e Impresso na Tipografia Comercial  
ANADIA



## PREAMBULANDO ...

O Porto alberga, adentro de seus muros uma organização, cujo titulo não impressiona, tantos são aqueles que apenas valem pela altissonância das palavras, cujos intentos não são mais generosos que os de tantas que pululam nos paizes em que ha vida social intensa e progressiva, mas que em qualquer parte do mundo seria maravilha pelo muito que tem feito, obra de trabalho e sobretudo obra de fé, fé tenazmente impulsiva, teimosamente inquebrantavel, fé que é ao mesmo tempo confiança no esforço próprio e conhecimento do fundo bom do povo humilde. Nela impressionam a clara compreensão dos deveres sociais, o tocante sacrificio do bem próprio ao bem

alheio, dos seus fundadores e orientadores.

Quero referir-me à «*Liga Portuguesa de Profilaxia Social*».

Da turpitude da sociedade, detentora do ouro e das regalias, em que cada um enche a escala do que merece os seus desvêlos com um *eu* monstruoso, irritante e iníquo, foge esta organização, pelo que tem de nobre, de belo, de alto valor moral. Dela se podem... se devem orgulhar os portuenses, em cujo peito pulse um coração generoso e bom.

Gente adormentada por uma educação tenebrosa, que deixa o futuro entregue à sua *boa estrêla*, que espera um amanhan feito pelo esforço alheio e o deseja sem perturbação dos seus hábitos preguiçosos e do seu rotineirismo egoista, gente sempre melindrosa e suspicaz, deve ter reagido e reagirá contra

esta intromissão da Medicina na sua vida. As escusas à coadjuvação, a reacção de interesses malferidos, devem ter sido tremendas. Dillo o passado, tantas teem sido as experiências tentadas com uma finalidade de assistência social, embora nunca com a extensão d'aquella que ali se vai desenvolvendo.

Não é de admirar que assim tenha sido, e é de recear que assim continue a ser, enquanto não houver da parte do médico uma mais larga compreensão dos seus deveres sociais e da parte da sociedade um melhor conceito da Medicina e um mais justo apreço pelos seus profissionais.

Foi sobre alguns aspectos das relações do médico com o meio social, que tamanha importância têm na lucta pela profilaxia da sociedade, que, a convite da *Liga Portuguê-*

*sa de Profilaxia Social*, fiz as considerações que vão ler-se, numa conferência realizada no salão nobre do Club dos Fenianos do Pôrto, em 26 de Novembro de 1932, e numa outra feita em Coimbra, a pedido da Direcção da Universidade Livre, em 16 de Fevereiro do ano corrente.

A' Direcção da *Liga* e em especial ao Snr. Dr. Antonio Emilio de Magalhães, que me honrou com o seu convite, supondo-me capaz de ocupar com brilho uma tribuna já illustre pelas altas individualidades que ali teem expellido opiniões e afirmado directrizes de finalidade social; à Direcção da Universidade Livre que julgou que eu poderia concorrer para a meritória obra de cultura que vem realizando nesta cidade; aos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Profs. Adriano Rodrigues, vice-reitor em exer-

cício da Universidade do Pôrto, e Lucio d'Almeida, da Universidade de Coimbra, que presidiram a estas conferências; ao publico numeroso que na minha terra natal e nesta cidade deu provas de um carinho que me sensibilizou, apresento aqui os meus agradecimentos, renovados em palavras, hoje, como então, inexpressivas e sem calor, e em sentir sincero e comovido.

Coimbra, Março de 1933.



Há uma desarmonia latente, uma situação conflituosa, surda, lesiva do bom senso e do bem comum, entre o médico e o meio social.

A sociedade cada vez precisa mais do médico e cada vez lhe dá menos em compensação material do seu trabalho e em consideração, a consideração que o médico ambiciona, que não é a que se manifesta pela adulação babugenta e servil, por honrarias, veneras, títulos honoríficos, balofos, quando não ridículos; mas, sim, a consideração que representa respeito pela moral dos profissionais que por ela se sacrificam, justiça nas legítimas apreciações críticas, audição atenta e ponderação consciente de conselhos e solicitações profiláticas, cooperação franca e sincera nas suas obras de assistência social, prodigalidade na recompensa moral, aquele nobre prémio que se traduz por uma palavra tão fácil de dizer pelo crédor e tão difícil de compreender pelo devedor — a gratidão.

Nada ha que deva surpreender nesta situação que deriva fundamentalmente das relações, tantas vezes desarmonicas, entre o médico e o seu doente. (1)

A enfermidade acrescenta sempre, ao sofrimento fisico, modificações mais ou menos profundas dos complexos psiquicos. Receios e angústias financeiras, esperanças e desenganos, alegrias e tristezas, ideias religiosas e preocupações filosóficas, complicam mais ou menos, e ás vezes muito gravemente, o desenvolvimento da doença orgânica; criam um estado psiquico, transitório nas doenças agudas, permanente e flutuante nas doenças crónicas, especial a cada doente, consoante a sua maneira de ser e de agir, quando são, na luta pela vida.

O doente é sempre um tímido. Mais do que isso, é um egoísta e um desconfiado, egoismo e desconfiança que tantas vezes se envergonha de confessar quando readquire a

---

(1) Este tema das relações do médico com o doente foi versado, com um relêvo e brilho literário, de que não sou capaz, pelo meu colega e amigo Ladislau Patrício, em conferência feita na Guarda, muito larga e merecidamente divulgada pelos nossos jornais médicos.

saúde. No olhar ansioso que dirige ao médico, livremente escolhido, no clarão da fé na ciência que êle representa, ha lampejos de receio de que não seja êle o intermediário mais idóneo para diminuir o seu sofrimento.

O doente pensa sobretudo em si. Tudo o que por êle fazem é pouco; poderia ser muito mais ou muito melhor. O médico faz pelo seu doente tudo quanto lhe dita a sua experiência, tudo o que lhe impõem a sua generosidade e a sua abnegação. Toma para si as tarefas mais repugnantes, as que mais ferem os sentidos; submete ás mais duras provas a sua paciência, a sua sensibilidade moral, a sua resistência física; arrisca a sua vida para salvar a vida ou minorar o sofrimento. A-pesar-de tudo, o doente não fica satisfeito: tem sempre alguma coisa de que acusar o seu médico, pelo menos de insensibilidade, de crueza d'ânimo, de dureza affectiva... insensível, de coração empedernido, êle que, no dizer de Voivenel, aprende a dominar as emoções pela sua firmeza d'alma, de modo que no momento decisivo da acção, a mão não trema e sôbre os seus olhos se não estenda um veu de lágrimas!

O doente já se não entrega de todo ao médico, como outrora, quando o médico era como que uma divindade protectora do lar, a que tôda a familia rendia culto no altar do mais affectuoso respeito!

A esta causa de desarmonia entre o médico e o doente, ha a juntar aquellas que provêm do médico: a sua inadaptação ao meio do doente, pelas suas maneiras, cultura geral e origem social; a falta de tacto, não evitando tudo o que possa provocar manifestações de divergência de character, de opiniões filosóficas, religiosas ou polfticas; os mal entendidos decorrentes do emprego abusivo de palavras técnicas incompreensíveis ou suscetíveis de por êle serem mal interpretadas; a recusa sistemática ou negligência propositada em se prestar ao gôsto de certos doentes pelas therapeuticas novas, pelo inédito, pelo sensacional (Marcel-Durand); uma timidez excessiva; uma affectividade mórbida.

Todas estas causas são agravadas pelo meio particular ao doente. O psiquismo anormal, companheiro da enfermidade, terreno propício ao cultivo dos mais espantosos absurdos,

contagia as pessoas que rodeiam o doente, e com tanto maior gravidade quanto mais intimos são os laços afectivos que os unem e menores a sua resistência moral e a sua cultura. Tôdas criticam as aptidões do médico, a sua solícitude e quantas vezes o seu diagnóstico; pretendem julgar as suas atitudes terapeuticas, a eficiência das suas applicações, a oportunidade das intervenções, o seu prognóstico. Ouvem com atenção o médico, mas o seu ouvido não é menos atento ao que diz a senhora vizinha, que teve já a mesma doença e foi tratada de maneira diferente; ao que conta a comadre que ouviu dizer que já tinha morrido um doente que estava no uso do mesmo tratamento; ao que relata o amigo que leu na 3.<sup>a</sup> página do seu jornal o anuncio de um medicamento, a que a doença em questão não resiste nunca; aos prérgões da competência sem igual de um outro médico e da depreciação do assistente; ás exortações da beata, portadora do frasquinho da agua milagrenta na moda e das relíquias de propriedades curativas ultra-potentes; aos conselhos do curandeiro profissional e do amador, e toda a gente se julga capaz de dar

conselhos para refazer e poupar o que temos de mais precioso — a saúde e a vida. E é com estes elementos que se exerce a nefanda judicatura, sem poupar o doente ás suspeições, ás malaventuras que tais conselhos envolvem.

Somem-se estas desarmonias entre médicos e doentes, mais graves se o doente não escolhe o médico, ataçadas ainda por crenças absurdas, que interesses inconfessaveis alimentam; por superstições as mais grosseiras, legado sombrio de um passado de ignorância; por uma credulidade sem limites e — porque não dizê-lo? — pela acção dos maus profissionais da Medicina, e teremos o fundamento da situação de conflito entre o médico e o meio social.

Esta situação vem de muito longe: Jesus, de Sirac, prescrevia no 1.º versículo do Cap. 38.º do «Eclesiastico» *Honora medicum propter necessitatem* e logo no versículo 13.º definia esta necessidade «*Est enim tempus quando in manus illorum incurras*».

A prescrição denuncia a existência do mal. Desde esse passado, que se perde nas trevas dos tempos, não tem havido humorismos

mais acerados, apreciações mais malévolas, truanices mais jocosas, críticas mais severas, epítetos mais pejorativos — riso, pedras, esgarres d'ódio — que aqueles que teem visado a Medicina e a profissão médica. Na tarefa inglória de demolir o prestígio médico teem colaborado espíritos tão belos que a apolo'gia da Medecina chegou a ser julgada temeridade. (E. Rist). E entretanto, sem alardes, silenciosamente, com a teimosia e a força de uma moral que não conhece temores, nem desfalecimentos, dando-se aos que mais sofrem em carinho e em confôrto moral, quando a sua ciência já não basta, esperando com paciência a vez de mostrar ao maldizente o que vale a sua generosidade e a ciencia que apostoliza, o bom médico, João Semana de todas as eras, tem trazido a salvamento o prestígio da Medicina. A luta prossegue: Ele sabe que, enquanto a estrutura da sociedade se não modificar, quanto mais se multiplicarem as obras de assistência social, mais e mais os seus proventos se reduzirão, e, todavia, silencioso perante os que o apodam de profissional ganhão, cada vez mais fomenta e proclama essas obras;

trabalha contra os próprios interesses, facto que não tem paralelo em nenhuma outra profissão: quanto melhor tratar e melhor zelar a vida do doente, seja o individuo, seja a sociedade, menos ocasiões terá de o tratar.

A-pesar-de tudo uma onda de cepticismo e de indiferença devasta a sociedade de hoje e compromete gravemente a victoria obtida através de tantas vicissitudes. E' a resultante da incompreensão da natureza e do âmbito da Medicina.

No alvorecer do seu pensar, não ha ninguém que não julgue a Medicina uma ciência que caminha a passos largos e seguros, figura magestosa, de olhar soberano e firme, que não precisa de refazer caminho em busca de doutrinas caídas do braçado, feito em séculos de labuta. Nessa colheita se encontrarão — quem o duvida? — fórmulas normativas, maravilhas de precisão, que bastará seguir para manter a saúde e alongar a vida, sem ter que reflectir nos seus incidentes. Confiança inteira e cega! E cega se mantem enquanto se não exacerba o egoísmo. A pouco e pouco, o medo da doença e da morte leva a observar o

que ao redor se passa e cada um interpreta os factos ao sabor do seu cabedal de conhecimentos, em regra bem parcos ou nulos. A confiança desfaz-se em duvida, mais ou menos aggressiva, mais ou menos ressabiada e malévola, se nela a intelligência intervem; em indiferença, se a intelligência escasseia.

O aprendiz da arte médica julga do mesmo modo e continuará a julgar, se, na sua carreira apressada para a conquista do diploma profissional, não encontrar uma alma piedosa que o convença de que não ha princípios imutáveis, abrindo diante dos seus olhos o grande livro da história da Medicina. Em paginas de uma clarêza irrefragavel aí se encontra a demonstração de que, em todos os tempos, as noções tidas por uma geração como verdadeiras, e como tais inabaláveis e definitivas, são julgadas inanes pela geração seguinte.

Se a caridade docente não acode, ou o aprendiz não dá acolhida aos ensinamentos, da aprendizagem sairá o médico, vergõntea viçosa do dogmatismo do passado, dócil a todas as imposições que venham de cima, vivendo numa soporosa quietação de espirito, inimiga

da observação, adversa a todo o juízo critico. Por mais anos que decorram, e quaisquer que sejam as mutações no cenário das doutrinas, afirmará a pés juntos as noções que recolheu com respeitosa e cega veneração nos cacifos do seu espírito, cacifos cujo conteúdo ficou inalterado em massa e em qualidade. O público, colocado pela experiência mal orientada no terreno da dúvida ou da indiferença; o publico que assiste ás manifestações desse enxundioso dogmatismo, que compara os dogmas de uns com os dogmas de outros, os dogmas de hoje com os de ontem, apercebe-se dos contrastes, reforça por eles a sua attitude anterior e mofa da Medicina.

E' preciso lutar por todos os meios contra esta tendência dogmatica, que ameaça matar a Medicina pelo ridículo.

Guardemo-nos, como diz Chavigny, zelosamente da ilusão de que chegamos à perfeição definitiva e que para além do período que vivemos, fica a decadência fatal, fórmula ingénua que docemente embalou as gerações passadas. Convençámo-nos de que não ficaremos por aqui, que iremos mais longe, muito mais longe

e que sôbre as ruínas das doutrinas de hoje outras serão construídas, mais benéficas para a humanidade; que para isso temos de juntar o nosso esforço ao das gerações que passaram, temos de trabalhar muito e sempre.

Educar bem o médico, é, pois, o primeiro passo para vencer o cepticismo e a indiferença. Mas é preciso educar também o meio. Façamos-lhe vêr que a Medicina não é uma sciencia feita: bem longe d'isso; que caminha lentamente, com passos hesitantes, procurando de um e outro lado da verêda, que segue, apoios, nem sempre seguros, por mais sólidos que pareçam. A Medicina não é mais que um montão de dados de observação e de experimentação, sem cessar crescente, à medida que se aperfeiçoam e completam os meios de fazer a sua aquisição. Da análise dessa mole magestosa resulta um certo numero de princípios que nada teem de imutável, pois que são interpretações, comparações que novos dados podem modificar ou destruir. Tais princípios servem de fundamento de applicações ao homem, máquina que estamos longe de conhecer na sua estática e na sua dinâmica. E' o mutá-

vel aplicado ao mal conhecido, d'aí a contingência dos juízos médicos, as divergências de opiniões, as inúmeras ocasiões de errar. E' preciso convencer o meio de que só se deve pedir à Medicina o que ela pode dar, receber com gratidão e apreciar com justiça o que ela vai dando, que é muito e que será muito mais quando desaparecer por completo a situação de desarmonia, o mal entendido que existe entre o médico e o meio social.

\*  
\*   \*  
\*

O cepticismo, a indiferença, a incultura, factores desta situação desarmónica, que ás vezes toma aspectos muito graves, como aqueles que oferece a questão entre os sindicatos médicos francezes e as organizações dos seguros sociais, tem uma desastrosa acção sôbre a mentalidade e a moral dos profissionais da Medicina. Os mais feridos são os fracos e aqueles que, em número cada vez maior, trans-fugas alguns de outras profissões liberais, se refugiam no profissionalismo médico, sem possuírem nenhuma das qualidades, nenhuma das

aptidões morais, mentais e ás vezes nem físicas, necessárias para o seu exercício. Um ou outro apaixona-se e entrega-se de corpo e alma à sua missão, mas a maioria dos inábeis passa a vida a vigiar atentamente o fiel da balança em que pesa o que dá da sua arte pelo que recebe em dinheiro de contado. São êstes que, sendo solicitada a sua atenção para a função social a desempenhar, emitem opiniões que teem um resumo eloqüente no *Primum vivere...* das páginas vermelhas do pequeno Larousse.

Não ha dúvida que a miséria devasta já a casa de muitos médicos e que são numerosos aqueles que nem um lar podem ter.

Por todo o mundo começou o desenrolar de uma tragédia cujo têrmo se não lobriga, e, pelo contrário, cujo agravamento se antevê inevitável.

Se olharmos o que se passa na vizinha Espanha, (1) nota-se com doloroso espanto que em cada ano a profissão é aumentada de 1500 unidades, das quais só 400 teem o lugar d'a-

---

«Le Siècle Médical» III ano, N.º 32, de 15 de Setembro de 1932.

queles que a morte leva. 1.100 são demais para o meio! Na cidade de Madrid ha 3.000 médicos, quási tantos como em toda Suissa (3.800) que, aliás, se lastima do seu numero excessivo. Aos refeitórios de assistência social madrilenas recorrem médicos pedindo um caldo e outros esmolam um leito de hospital como remédio para a fome e para a miséria.

Na Austria e na Alemanha a tragedia não é menos alarmante e na coorte d'aqueles que procuram na morte um refugio contra a miséria, os médicos ocupam um lugar de ano para ano mais importante. No nosso meio a saturação já foi atingida e, todavia, todos os anos cêrca de 300 médicos se lançam na laboriosíssima pesquisa de uma situação que dê o pão de cada dia. Ha já um pauperismo que se disfarça, mas que amanhã terá de estender a mão à caridade do público.

O mêdo da fome leva de vencida a virtude de muitos e as victorias da miséria serão cada vez maiores. Mas o verdadeiro médico que na prática do bem faz das suas virtudes profissionais um tesouro, fecha-se na cidadela do seu heroismo discreto, reduz as suas ambi-

ções materiais, faz humilde o seu viver, e, se a desdita prossegue e põe em risco o seu tesouro, abdica resignadamente da sua profissão ou morre. Assim acabaram na mesma hora os dois irmãos Smith que, sucumbindo à miséria que os impedia de continuar as suas investigações sôbre a natureza e o tratamento do cancro, morreram ás suas próprias mãos, declarando à nação ingleza que morriam porque não valia a pêne ser vívida outra vida que não fosse aquela que deixavam, vida de trabalho pelo bem da Humanidade. Gesto admirável de desprezo pela vida que não lhes servia, já que não podia servir ao seu semelhante, e exemplo impressionante de indiferença da sociedade por aqueles que por ela mais desinteressadamente luctam!!

A sociedade tem de vêr no médico, cuja intervenção é cada vez mais forçosa, um fautor insubstituível do seu progresso, um guia das mais generosas iniciativas em prol do seu futuro, e uma defeza de todas as acções anti-sociais; ela não pode alhear-se da maneira como se faz a sua educação técnica, nem do modo como decorre a sua existência.

Mau obreiro é aquele que luta com a miséria, aquele que não encontra no lar o meio de recuperar as forças físicas e de aumentar as resistências morais, tão necessárias, umas como outras, para a luta permanente e enervante em que o médico tem de empenhar todas as suas energias.

Eu sei que ha quem sustente que é difficil ser ao mesmo tempo bom marido, bom pai e bom médico, preconizando o celibato para aqueles que pretendam ser bons profissionais, porque só assim poderão pertencer inteiramente aos outros e não sacrificarão ninguém à vida de renúncia e de sofrimento a que se votaram. (Courgey, M. Frontard etc.). Ha na história da Medicina exemplos numerosos desse apostolado sublime. Eu creio, todavia, que o médico que não cria um lar, se mutila psiquicamente, em prejuizo daquelas qualidades que fazem o bom médico. E' no lar que se cultivam as mais belas e mais delicadas flores do jardim do sentimento, li algures, aquelas flores que perfumam as relações do médico com o seu doente e o apaixonam pelo sofrimento alheio.

A esposa escolhida através de uma psicologia muito especial, muito própria do médico, em que o amor ao próximo constitui a sua essência, é um estímulo de dedicação, de altruísmo, de desinteresse bem compreendido, e não um obstáculo às manifestações dos sentimentos mais nobres da alma médica; junto dela, junto dos filhos, o repouso é mais reparador, o desgosto menos dilacerante, a dificuldade menos áspera de vencer, a ingratidão mais tolerável, o entusiasmo pela luta maior. É certo que tem de cuidar com mais zelo das condições materiais de existência, mas pode consegui-lo dentro das normas da mais rígida moral, sem nada sacrificar dos seus deveres.

A restrição, necessariamente violenta perante a boa consciência, do exercício profissional ao âmbito dos serviços remunerados, apouca o prestígio da Medicina, e, ferindo de recochete os fautores de tal atitude e os que para a sua prática não têm escrúpulos, leva-os depressa ao recurso a processos em oposição com a moral médica e a compromissos aviltantes, novas e mais graves causas de desprestígio da profissão.

Pelo contrário, a satisfação plena dos devêres profissionais e sua extensão ao domínio social, dá jus a recompensa, pelo contacto mais íntimo com o meio, cuja atenção se dirige para aqueles que da multidão anónima se destacam. Haverá sempre uma luta pelo exito, cada vez mais áspera pelo agravamento da situação pletórica que atravessamos. Velêmos por que ela seja nobre e leal, por que as armas terçadas sejam a solidez e a extensão da educação técnica, o espírito de sacrificio, o altruismo, o conhecimento do homem e do meio, o zêlo pelo bem estar social. D'esse bem usufruirá o médico uma cota parte.

De resto, outro não é o rumo actual da arte médica, orientação que se acentua dia a dia, de uma forma iniludível e com uma rapidez crescente, sob o impulso da sua própria vida e das injunções da evolução social.

Durante séculos e séculos a cura das doenças foi a razão de sêr da Medicina. Aliviar o sofrimento, reduzir ou fazer desaparecer a dor era pouco; o médico pretendia, pela acção exclusiva da sua Arte, ou, quando muito, pondo-a ao serviço de uma divindade, resta-

belecer completamente e sempre a saúde de quem se confiava ás suas mãos. Curvado sôbre o doente, pondo em acção os seus sentidos sôbreexcitados pela vontade de vencer, de acuidade afinada pela experiência, torturando o seu intellecto, o médico convenceu-se, enfim, que só poderia evitar ou reduzir os seus constantes insucessos, conhecendo o homem. E lançou-se com afan ao seu estudo. Luctando com preconceitos seculares, com superstições as mais arreigadas, incorrendo em perseguições ferozes, pondo em risco a sua vida, realizou um empreendimento, que veio até nós e que, desembaraçado de lances heroicos, prosseguirá ainda durante séculos. De facto, como ha pouco disse, desta maquinaria complexa do organismo humano, no infinito das sobreposições e interpenetrações, o pouco que se sabe deixa antevêr a enormidade do que se ignora. Lentamente se foram accumulando factos, objectivo de interpretações de penosissima gestação, que em generalizações apressadas — e quantas vezes desastrosas! — se pretendiam desde logo utilizar na prática médica.

Esta lentidão não era de molde a satisfazer as impaciências de quem pretendia curar, curar sempre, que continuou numa busca empírica de rápidas soluções. Entretanto fazia-se a sementeira de uma ideia, menos egoísta que a pretensão da cura e muito menos espectacular: «É benefício maior para o homem pô-lo a coberto do doença e das suas consequências, do que curá-lo depois de por ela atacado». «Vale mais prevenir do que remediar», diz, de ha muito, a sabedoria das nações. Esta ideia germinou, tomou vulto, e assim, ao lado da arte de tratar a doença declarada, desenvolveu-se a arte de a prevenir, uma e outra acompanhando a Medicina — conhecimento do homem.

Hoje, não hesito em repetir, nenhum médico pode legitimamente pôr de lado a Medicina-arte de prevenir, para se entregar exclusivamente à Medicina--arte de curar, arte aliás miseravelmente impotente, como diz Rist. Seria uma abdicação de princípios, uma monstruosidade profissional, uma inferiorização ao nível do curandeiro, um crime de lesa-humanidade!

A necessidade de prevenir e os resultados obtidos no estudo do homem, dilataram extraordinariamente o campo de acção do médico. O homem vive num mundo de seres vivos e submetido à acção de agentes físicos variadíssimos; reage ás acções que o meio sobre êle exerce. Para prevenir a doença é preciso, portanto, conhecer este meio e actuar sobre êle para corrigir os seus desmandos, perturbadores da saúde, e se êles ultrapassam as possibilidades d'acção, agir sobre o homem dando-lhe resistênciã para os sofrer.

A' escola de prevenção pertence o conhecimento precoce da doença, quando já é doença, mas ainda não preocupa, nem alarma o indivíduo.

Dentro desta orientação compreende-se cada vez mais e melhor que a saúde é um tesouro de tão alto preço, sob o ponto de vista social, que não é licito abandoná-la aos cuidados exclusivos de quem a usufrue, sem conhecer o seu valor, sujeitando-a a caprichos, lesivos, em ultima análise, dos princípios mais sagrados da solidariedade humana. A profissão médica evolue consequentemente no sen-



tido de uma função social (P. Le Gendre). A Medicina intervem e intervirá cada vez mais ostensiva e intimamente na vida dos povos. E' a própria evolução social que exige esta intromissão, a despeito da atitude suspeitosa d'aqueles que anteveem, no futuro, a sociedade dobrar-se servilmente perante a Medicina, com a mesma submissão, surda ás injunções do senso crítico, com que outrora se dobrou ante os dogmas religiosos (H. Ellis).

\*  
\*       \*  
\*

Tem, pois, o médico complexos devêres sociais a cumprir, que o afastam do dominio exclusivo do «*recipe*». Até onde vão êsses devêres?

Bem longe da pretensão de fazer uma enumeração e considerações exaustivas, vou tocar ao de leve em alguns dêles, focando aquelas das suas facetas que julgo mais interessantes e de mais flagrante oportunaidade.

A Medicina vigia a saúde do homem. O homem, obedecendo ás imposições iniludiveis da vida social, trabalha. Para que o trabalho

renda é preciso que a máquina humana seja empregue naquilo para que ela tem aptidão, que não se lhe exija mais do que o que a sua capacidade productiva pode dar e se lhe forneça energia veiculada pelo alimento ingerido e pelo ar inspirado. Nascem d'aqui as preocupações mais instantes da hygiene individual, quanto à orientação profissional, quanto à capacidade de produção, quanto à alimentação e à habitação.

A intervenção do médico em todas as questões que dizem respeito à hygiene da alimentação, está tão dentro das determinativas d'aquelle senso, que se usa qualificar de bom, que ninguém se atreve a regatear-lhe aplausos. Mas quando se apela para os poderes públicos, com o fim de uma conjugação de esforços para a defeza efectiva da colectividade, cooperação que noutros campos tão profícua tem sido — haja em vista o combate da variola e a defeza das pestilências exóticas — depara-se com uma inercia estranha, envôlta em palavriado sonoro, ôco de intenções, e, facto não menos estranho, as corporações médicas encaram a situação com uma indiferença pungente, de que

saem, de longe em longe, para emitirem uns votos de sêco e estéril platonismo.

Balzac dizia que a alimentação do povo é a essência da política e lamentava que dela ninguém se ocupasse. Hoje, quem é que d'ela benéfica e eficazmente se ocupa? Se a *Liga Portuguesa de Profilaxia Social* quizesse despejar até ao fundo o sacco dos dissabores que tem sofrido nas suas campanhas pela hygiene da alimentação, nós ouviríamos uma edificantissima lição sôbre o interesse nimamente insignificante que tal questão merece. Atender mais ao interesse do consumidor que ao dos industrialismos vorazes, é tarefa superior à educação cívica de certos grupos das classes dirigentes; é exigir extremos de solidariedade humana, virtude que anda de rastos pelas ruas da amargura. E' que são demasiados, formam multidão, os gananciosos que nos envenenam a pouco e pouco, adulterando o que comemos, e que nos fazem pagar, como bom, o que é mau pelo seu deficiente valor nutritivo, o que é mau pela maneira como é trabalhado, o que é mau pelo que veícula de perigoso para a nossa saúde e para a nossa vida.

A pretexto de purificar, tornar mais nutriente, melhorar de aspecto, empregam-se meios que na realidade outro fim não teem, senão recuperar o perdido, restaurar o estragado, tornar comestível o que é intragavel, conservar o alteravel, aumentar o valor de venda! Com o maior impudor, porque nem sequer se invocam pretextos, adultera-se da maneira mais ignóbil o alimento dos nossos doentes, dos nossos filhos, d'aqueles que se exgotam no trabalho que a vida social exige. Sôbre o nosso organismo exerce-se durante anos e anos a acção de substancias quimicas, umas averiguadamente nocivas, outras cuja nocuidade é de receiar, a despeito de todas as afirmações d'aqueles que vendem a sua consciência profissional e o seu valor, à descarroavel exploração da saúde do próximo.

Haverá algum alimento melhor que o pão? Não. Não ha, e êle é a base de alimentação do povo. Mas, para que se não dê o desequilibrio que conduz fatalmente à miséria fisica e mental, é preciso «que só seja legal a moedura que integre na farinha todas as partes constituintes do albúmen na proporção estabelecida

pela constituição natural do grão», (Langlet)... do bom grão.

Desde que não seja respeitada a lei da natureza, inscrita na estrutura e composição do grão, a farinha é desequilibrada e como tal de difícil panificação. E então, para se obter essa aparência de pão, essa enganadora aparência, recorre-se a subterfugios, a meios que se dizem inofensivos. «Quantos estados patológicos terão a sua origem ou o seu agravamento no uso desses meios, que por mais inocentes que pareçam podem ser altamente lesivos quando aplicados por quem tem por guia a ignorância ou o interesse mais sordidamente egoista?

Para êstes crimes, que tantas vezes se praticam sob a protecção de decretos de governos de todos os matizes, em todos os paizes do mundo, ditados por considerações económicas e políticas, em que a saúde do consumidor é esquecida, para estes crimes, cujas victimas são aos milhares, existe, todavia, benevolência! As próprias victimas encolhem os ombros numa resignação, num fatalismo que por momentos nos faz descrêr da possibilidade

de se caminhar para um futuro melhor, em que o homem não seja a inimigo do homem.

Não há demonstração mais flagrante do desprezo pela vida humana do que aquela que tem revelado a lucta contra a mania dos estupefacientes, flagelo que se espalha com rapidez alarmante.

Em 1929 as auctoridades dos paizes signatários da Convenção de Opio de Genebra, apreenderam 49.346 k. de estupefacientes, o que representava, dizem os cálculos mais optimistas, a décima parte das quantidades negociadas clandestinamente. Isto é, num ano, 490 toneladas de opio, morfina, cocaína, cânhamo e seus derivados, foram objecto de transações para o envenenamento da humanidade! O male é tão grave que o Comité Central permanente do opio, organismo da Sociedade das Nações, reconhece que a lucta não progride. E porquê? Porque o mercantilismo se levanta contra todas as campanhas. Os governos dos paizes onde se encontram os maiores centros productores da coca, não aderem ás convenções, e, embora oficialmente aprovem, como ultimo remédio, a limitação do

fabrico ás necessidades estritamente médicas e científicas, vão protegendo a industria respectiva, em que grandes capitais estão empenhados, e tambem o commercio, maneira de não suprimir importantes fontes de receita dos seus orçamentos!

Nesses paizes, que assim acumulam lucros à custa do sacrificio anual de muitos centenas de milhares de individuos, farrapos humanos nas mãos de ganhões incapazes de um movimento de caridade pela dôr e pelo infortunio que espalham e exploram, ha corporações médicas — quanto punge dizê-lo — que são tacitamente cúmplices nesse crime, e o mundo não se revolta, nêle soam isoladas e sem eco as vozes corporativas que se erguem a prégar uma cruzada contra essa exploração que tanta gente inutilisa e mata!

Ao médico pertence a parte mais activa na lucta contra todos êstes males que inutilizam os seus esforços pela conservação da vida humana.

Uma propaganda tenaz, incansavel, é necessária. Ninguem é capaz de a fazer como êle, pela sua autoridade, pelo seu poder de

convicção, pelo seu acesso a todos os escaninhos do meio social. «Só a classe médica, diz Langlet, independente e inacessível às pressões que exercem sempre os interesses particulares, pode assegurar a execução de medidas que embaracem, lesem ou destruam a actividade prejudicial dos interesses inconfessáveis». Mas, antes que se legisle, é preciso que o meio esteja preparado para receber e cumprir a lei; que o meio julga que foi êle que a ditou.

Convençamo-nos que não é a força que faz das ideias de uns poucos as normas de todos. Por mais fundos que sejam os sulcos feitos na carne humana pelos gumes das espadas, por mais espezinhantes que sejam as torturas físicas inventadas pelo mais perverso e engenhoso dos esbirros, por mais sabiamente arteiras que sejam as leis, as ideias, que assim se pretendem impôr, vegetam e por fim morrem, se não falam à intelligencia e sobretudo ao sentimento dos indivíduos. As ideias só vingam se perdem o character particular, para serem perfilhadas, para se tornarem pertença de todos, e isso só se consegue exercendo

uma acção que tenha como base, o conhecimento da psicologia do meio, dos seus hábitos, gostos, convicções, erros, defeitos, pontos acessíveis do seu character, tradições, orientação, formação intelectual, cultura.

Aproveitem-se, criem-se intermediários que, pelo seu poder de sugestão, arrastem o bando dos gregários que pela inércia a tudo põem resistência. Explore-se a paixão, a curiosidade, ditada pelo egoismo, com que os leigos da Medicina lêem os artigos de vulgarização de assuntos médicos.

Para isso é preciso que todos leiam. Está aí a chave de toda a propaganda. E assim deparamos, de chofre, com o problema do nosso vergonhoso analfabetismo. Que nenhum movimento se realize para a sua redução e extinção que não tenha nas suas primeiras filas os médicos! Primeira e primacial demonstração do seu interesse pela hygiene e pela profilaxia social.

\*

\*

\*

Ha um alimento que o próprio usufruidor altera com prejuizo grave da sua saúde, se

não vigia cuidadosamente a sua purificação: é o ar que respira em todo os espaços confinados em que tem de permanecer. Velar pela sua pureza é velar pela higiene da habitação, da oficina, dos locais de reunião para o trabalho ou para o prazer, problema de tão difícil resolução no nosso meio, em que a pobreza de iniciativa e a teimosia da rotina são mais graves que a penuria dos recursos financeiros.

A saúde do operario é uma parcela da saúde da colectividade, capital precioso a manter à custa de todos os sacrificios, sementeira de beneficios a longo prazo.

E' necessário que dos códigos dos Estados sejam insofismavelmente consignados os direitos dos inválidos do trabalho e, destes, o primeiro é o da assistência, nunca assistência-esmola, sempre assistência-prémio do passado de validez.

A colectividade, tendo de arcar com este deso morto, procurará reduzi-lo ao minimo, à invalidez fisiológica, fazendo a sua profilaxia, pondo o operário a coberto das acções nocivas do meio, decorrentes da natureza do próprio trabalho; proporcionando criteriosa-

mente o esforço ás possibilidades físicas de cada um, revistas após cada acidente patológico, e pondo cada um a fazer só o trabalho para que seja apto; procurando os meios para que ás boas condições do trabalho na oficina corresponda o bem estar no lar, libertando o operário da canga negra da miseria, fomentadora de todos os males físicos e morais.

Só o médico especializado como educador-orientador será capaz de fazer estes juízos de valor, de rendimento, de aptidão profissional. Luctemos por esta organização higienica do trabalho, levando de vencida, por uma campanha metódica, falando à affectividade de todos, o interesse egoisticamente compreendido do patrão e a rotina do operário, que tantas vezes vê perseguição e propósito deliberado de violar a sua liberdade, onde ha apenas o solícito desejo de bem fazer.

\*  
\*       \*  
\*

A Medicina, feita ciência do Homem, conduz os seus profissionais a occuparem-se, sem isenções possíveis, de tudo o que ao homem

diz respeito, mesmo em domínios que até ha pouco lhe eram vedados, continuando, aliás, sempre a fazer terapeutica e profilaxia. Assim, as concepções da criminologia moderna, assentes em observações humanas, e servindo de base a procedimentos a aplicar ao homem, já não podem arredar do seu caminho a Medicina, que aí conquistou um lugar. A terapeutica e a profilaxia do crime é essencialmente uma tarefa para médicos, para aqueles que cultivam a psico-patologia. Este campo, tão especial da Patologia só pelo médico pode ser cultivado, pois só ele pode e sabe nêle empregar a psiquiatria pura, a fisiologia normal e patológica do sistema nervoso e das glândulas de secreção interna (Rist). O seu cultivo condu-lo sem rodeios aos domínios da Psicologia pura, levando consigo o método experimental, como fonte de progressos, e, por intermedio desta, leva-o à Pedagogia.

Já hoje se começa a reconhecer que não ha ensino inteiramente produtivo que não tenha por base o conhecimento psico-somático do aluno e êste só se pode obter com o auxilio do médico. Colocado nesse campo, o médi-

co tem diante de si um horizonte que deslumbra pela sua amplitão; prescrevendo, como conselheiro diligente, a cada um a cultura que é suscetível de receber, e o destino que merece pelas suas aptidões mentais e físicas, tem nas suas mãos o futuro da sociedade. O fardo das suas responsabilidades é pezadissimo; é preciso que para êle se prepare cuidadosamente, para maior lustre da sua acção social.

\*

\*        \*

Tudo isto tem vindo a infiltrar-se a pouco e pouco no código dos devêres profissionais do médico, sem desprazimento nosso, porque corresponde aos soliloquios intimos de todos nós, provocados pelo espectáculo cada vez mais pungente do sofrimento dos individuos e do meio social, tudo isto, representando, para ser cumprido, muita abnegação, ainda mal compreendida, pouco é, se quizermos que a nossa profissão não constitua um tropeço, que se efaste com tédio para dar caminho ás ideias que vão surgindo na ânsia de melhorar a vida social.

O médico já não pode ser só o zelador da vida humana; tem necessariamente de ser o agente mais activo no aperfeiçoamento da espécie, aperfeiçoamento que não pode ser abandonado aos vícios e ás incongruências da rotina.

Assim, o médico que pugna pelo direito do recém-nascido ao leite materno; que o ampara desde logo na luta contra as infecções; que, pelas gotas de leite e lactários que institue, fomenta, propaga ou mantém, procura dar-lhe um alimento são; que estimula a criação de creches, jardins de infancia, jardins-escolas, que afastam as crianças das pucilgas assessíveis; que combate todas as ignorancias e todos os preconceitos, agentes nefandos da mortalidade infantil; que tenta anular a acção dos meios deletérios, enquanto êles não desaparecem, promovendo e cooperando na organização de colonias de férias, colonias balneares, centros de reoxigenação; que vigia o crescimento da criança e do adolescente, tutelando as suas energias, em busca de dotes de beleza, de bondade, de altruismos, de rectidão de character, de clarividencia inte-

lectual, procurando corrigir os caracteres anómalos e regressivos, anunlando tendencias e atitudes anti-sociais; o médico, que regula os exercicios desportivos, prégando a sua utilidade e necessidade, mas vigiando-os para que sejam meios de desenvolvimento físico, de resistencia à fadiga, de coragem, de decisão, de beleza e harmonia organica, e não meio de aumentar os estropiados e os invalidos para a lueta social; o médico que diligencia que desde a infancia se cultive zelosamente a higiene individual, maneira de tornar automaticas as suas práticas, fazendo o homem limpo, isto é, aquele que suja pouco, o que é mais meritorio do que limpar muito, aquele que tem o horror da embriaguez, da gula, de todas as paixões brutais que degradam o homem; o médico que faz tudo isto, acalentando com amor, ao seio da sua abnegação, a criança e o adolescente, não pode abandonar a sua educação sexual, como tem feito até agora.

E' uma gravissima incoerência. E' uma crueldade êsse abandono aos desmandos, ás irregularidades, aos caprichos do acaso, que surgem ao adolescente nos meandros ardilosos

da conversa com companheiros viciosos, nas peripécias das festas cinematográficas, nas paginas dos romances, nos locais onde, em murmurios suaves se faz a propaganda de vícios, sempre sob um manto de penumbra, para acicatar a curiosidade. E' por falta desta educação que todas as questões sexologicas, tão complexas, tão delicadas, mas tão importantes, pois que dizem respeito a atracção sexual, eixo da vida, são tratadas sem a gravidade e a ponderação necessárias.

Sem esta educação, como combater a legenda das doenças vergonhosas, êsse grave perigo social? Como convencer que as doenças venereas são mais perigosas que vergonhosas? E' ainda a educação sexual uma das melhores armas para lutar contra a acção deletéria dos prostibulos, para combater a sua existencia legal e a regulamentação das prostitutas, pobres vitimas da miseria ou da doença, exploradas ignobilmente, elas que merecem cuidados especiais que permitam a cura moral ou fisica e a sua recuperação pela sociedade!

Uma educação sexual, racionalmente dirigida, criará o sentimento da responsabilidade

individual perante o casamento e a repulsa do meio social para todos aqueles que infringirem os seus dictames. O atestado pré-nupcial deixará de ser olhado com repugnancia e ver-se-há nêle, não uma fisequição aos doentes, mas uma garantia da saúde da prole e uma redução do peso morto dos incapazes fisicos e mentais que assoberba a sociedade; os impedimentos ao casamento, tais como a alienação mental e a sífilis no periodo contagioso, serão aceites sem reluctancias, como succede nos paizes escandinavos; todos pensarão mais e melhor nos filhos, que são o futuro, pondo de lado os egoismos ferozes do presente; repudiar-se-ha como um sentimento anti-social a pretensão de dar a todos os individuos, sem excepção, inteira liberdade de procriar.

Ha circumstancias, escreveu C. H. Hughes, em que a propagação da vida humana deve ser considerada como um acto tão criminoso como o assassinato, e Artur von Menger classifica-a nessas condições como um verdadeiro crime.

Todos os alienados incuraveis e sobretudo aqueles que podem viver em liberdade com-



pleta ou relativa, muitissimo mais numerosos que os internados, constituem um perigo gravissimo para a sociedade, pelos filhos que podem gerar (60 % dos assassinos e 90 % dos recidivistas tem esta origem). Como não é possível fazer a sequestração de todos estes doentes, e para muitos desumana seria a medida, a sociedade só pode defender-se realizando a sua esterilização. Segundo o parecer do ultimo congresso alemão de criminologia, realizado em Outubro em Franckfort, a esterilização deve fazer-se em certos e bem averiguados casos, rodeando-a de todas as precauções. Na America os esterillizados são dos hóspedes permanentes dos asilos de alienados, dos hóspedes habituais das prisões e dos hospitais e nalguns estados a castração é prevista nos idiotas, imbecis, perversos sexuais, degenerados mentais e toxinómanos. E' um processo de defeza da espécie humana que urge generalizar e aperfeiçoar.

\*

\*

\*

Selecionar os cônjuges é já alguma coisa para uma posteridade fisica e psiquicamente

boa. Mas uma educação sexual perfeita dos indivíduos de ambos os sexos na época da puberdade, permite ir mais longe e encarar o problema da natalidade com sinceridade, coerência e honestidade.

Perante a infância esfarrapada, atirada das espeluncas infectas aos acasos da viela, riqueza de energia potencial perdida em miséria física e moral, candura desfeita em perversidade, inocência em vício, carinho em ódios, crianças que todos espezinham e muitos exploram, condenadas a arrastar a existência pela lama, conhecendo da vida só o que ela tem de pior; perante a infância pustulosa, degenerada, amarfanhada sob o peso de males de que não é responsável, espectáculo de todos os meios pobres em que as famílias numerosas abundam, ninguém pode fechar-se dentro de um egoísmo tal que não sinta dolorosamente dúvidas sobre a legitimidade da procriação que conduz a esta turpitude moral.

Perante os queixumes d'aqueles que atingem o fim do período activo da vida, sempre vencidos na lucta da concorrência, por falta de preparação, resultante da vida difficil das fami-

lias com muitos filhos, onde não havendo fome, ha todavia penuria, a dúvida sôbre a utilidade social das familias numerosas surge sob um outro aspecto.

Há, pois, uma situação angustiosa, bem posta em foco pela parte pensante da sociedade de hoje, e perante ella, o médico não pode escolher a attitude cômoda de simples espectador, sem atraiçoar a sua missão; tem de tomar posição no bom combate pelo aperfeiçoamento da espécie e pela felicidade humana.

Estamos todos, médicos e leigos da Medicina, em face de um dilema de que não é possível fugir: ou o acatamento do «*crescei e multiplicae-vos, enchei a terra*» de Jehovah, a aceitação do lapinismo integral, tão querido dos belicistas, ou a limitação dos nascimentos na medida das possibilidades fisicas e dos recursos financeiros de cada casal, com o fim de eliminar doenças, limitar misérias, valorizar o homem, preferindo a qualidade à quantidade.

Ora ha uma situação de facto, que já não é possível arredar, e que por si constitue um determinativo categórico: a restrição da natalidade pelo evitamento da concepção existe,

é praticada pela maioria dos individuos em boas ou regulares condições de fortuna, dos instruidos e cultos de todo o mundo e generaliza-se cada vez mais nestas classes. E' um anticoncepcionalismo profilactico geral e não uma prática seguida só para evitar à mulher gestações em numero superior àquele que é compativel com as suas forças fisicas.

¿Situação a profligar ou a aplaudir?

E' inutil gastar palavras em discussões de pura especulação filosofica, eivadas de insinceridade, sôbre atitudes que pertencem já à moral de hoje.

Como diz Sidney Webb, (1) se uma maneira de agir é voluntariamente adotada e habitualmente seguida por individuos, cujo procedimento é insuscetivel de reparos a respeito de todos os demais preceitos da mora clássica, e que pelo seu numero constituem a maioria de classe culta de uma nação, devemos admitir que essa maneira de proceder está de acordo com o codigo actual da moral. Ora clinicos, embriologistas, patologistas, sociólo-

---

(1) Cf. in Havelock Ellis, p. 179.

gos, sacerdotes de todas as religiões, moralistas, aplaudem mais ou menos ostensivamente esta situação de facto, e muitos governos, inquietos com os encargos de uma assistência cada vez mais vasta e pesada, e com os perigos que ameaçam a raça, não a hostilizam. ¿Como é, pois, possível combater a restrição da concepção nas classes pobres e incultas, precisamente aquelas que mais sofrem as conseqüências das famílias numerosas e de que maiores perigos adveem para a colectividade? Não é possível, mas a campanha faz-se: E' que é preciso que não diminua a carne para canhão, como se dizia no passado, o material humano para os gazes de guerra, como se dirá no futuro, o musculo escravo para todas as cangas sob o azorrague da fome. Quem apregôa a necessidade das famílias numerosas é quem não tem filhos, é quem restringe o seu numero, é o que se louva na prègação do Frei Tomaz, do velho anexim.

E' contra esta hipocrisia que é preciso que todos luctemos, o médico na extrema vanguarda, se respeita a sua missão. Não se preconiza, não se deseja, não se diviniza a

esterilidade, atitude mórbida a repelir com a maior energia e que só terá defensores entre os falhados para a vida activa da sociedade. Ambiciona-se a vida sã, luminosa, fecunda para todos; que todos prolonguem a sua vida por filhos que não sejam destinados fatalmente a esmagar ou a serem esmagados.

¿Desaparecerá a vida? Não. Não tenhamos receio. Só os anormais, aqueles em que não há o instinto de conservação da espécie que vence os egoísmos de que os sãos de espírito são capazes, só esses repudiam sistematicamente a procriação. Os seres harmoniosos obedecem ao ritmo vital. Só conhece a vida só vive quem sente alegria profunda aos primeiros vagidos do recém-nascido, vida que é a sua própria vida. Só compreendemos o ritmo da vida quando ouvimos, dirigidos a nós, os doces nomes com que nos dirigiamos ao nosso pai e à nossa mãe.

Mas devemos ir mais longe. Não basta reduzir o numero dos filhos, segundo as possibilidades físicas e condições pecuniárias dos pais. E' preciso que um filho não seja um acidente, o fructo da casualidade; a sua vinda

deve ser preparada e desejada. Criar vida é o acto mais belo, mas é também o mais grave; não é exclusivamente um acto do fôro privado; é a primeira e a mais indispensavel das funções sociais. (A. Métois). Exija-se para êle o máximo de consciência. E a procriação consciente só pode ser obra de uma educação sexual perfeita e ninguem a pode conduzir como o médico.

O anticoncepcionalismo consciente, ditado pela necessidade imperiosa de fazer a profilaxia individual e social, inteligente nas suas práticas e na sua propaganda, de acção eminentemente moral contra todos os desmandos, pois só preconiza o antinatalismo absoluto em casos muito restrictos, será a melhor maneira de combater um dos flagelos mais vorazes da vida actual, o abôrto. Na Alemanha pratica-se anualmente cêrca de um milhão de abortos e d'êles resulta a morte de duas dezenas de milhares de mães; em consequência das manobras abortivas, mais de 200.000 mulheres ficam doentes para sempre (1). São as classes

---

(1) Estatísticas do Dr. Neubauer, médico chefe dos Seguros sociais de Hamburgo.

pobres as que dão maior contingente. Os números da França e da Itália, embora mais baixos, são também aterradores, e entre nós todos os clínicos sabem que os casos julgados pelos tribunais são uma fracção insignificantiíssima d'aqueles que se praticam, que, sem sombra de dúvida, são muitos milhares.

O abôrto é a conseqüência imediata das campanhas concepcionistas, por agentes que pertencem ás classes que monopolizam os meios anticoncepcionais, e de falta de assistência à mulher, cuja gravidês é um impedimento ao trabalho que lhe dá o pão e o abrigo da sua miséria.

Assegure-se essa assistência, crie-se o código da grávida e ensine-se a profilaxia anticoncepcional sob as azas da lei e reduzir-se-ha o abôrto, com o qual o médico não pode pactuar.

Contra todos os argumentos tendentes a afirmar o direito da mulher sôbre o seu próprio côrpo, e, portanto, sôbre o feto que não é ainda um ser humano independente<sup>(1)</sup>; a des-

---

(1) Argumentação iniciada pela Condessa Gisela Streitberg e perfilhada por Helena Stöcker, Oda Olberg, Elisabethette Zauzniger e Camilla Jellinek. (Cf. in Havelock Ellis: La sciência de la procréation, trad: fr. de Van Gennep, 1932, p. 214.

peito da opinião de juristas dos mais eminentes, favorável ao abortamento<sup>(1)</sup>; o médico, que repudia tenazmente, embora à custa do seu sofrer, a prática da eutanasia; que combate a pena de morte, assassinato legal, mais repugnante à sua consciência que aquele que é praticado num momento em que a razão falha; o médico, porque tem como dever essencial da sua profissão salvar a vida, mesmo d'aqueles que a não merecem, sem se preocupar do que poderá ser essa vida, como dizia Ombredannes, não pode admitir o abôrto, senão em casos muito particulares, quando, entre muitos males, o abôrto é o menor.

\*

\* \* \*

Para terminar, eu desejaria poder transmitir-vos as crispações que abalam até à dôr o que há em mim de mais affectivo, saber pôr na mais alta vibração o que há de mais belo no nosso ser, o sentimento da solidariedade humana, sublimado no médico, no cadinho do

---

(1) Balestrini, na Italia; von Liszt, Hans Gross, Radbruch, von Lilienthal, Weinberg, Kurt Hiller, na Alemanha. Idem, p 218.

sofrer pelo sofrimento alheio, em que deixamos pouco a pouco o egoísmo nativo; desejaria ter êste poder e êste saber, ao lembrar o maior de todos os males que afligem os dias que passam, male que, como nenhum outro, faz perigar a vida social, male que implica com a essência da arte médica, e, portanto, com os mais imperiosos deveres sociais do médico, tais como eu os compreendo.

Não cerremos os olhos teimosamente ao que se passa.

O médico, que aparece em toda a parte onde ha uma vida a defender da doença; que se coloca nos postos mais arriscados de todas as defezas contra os flagelos mais mortiferos, tendo inúmeras vezes a morte como unico prêmio da sua audácia serena e consciente e da sua abnegação; que vai aos pontos mais remotos do globo, fazendo propícias ao desenvolvimento de todas as actividades humanas as regiões mais inóspitas, conquistando vidas sem número; que trabalha sem descanso, mutilando a sua vida fisica e psíquica em milhares de laboratórios e hospitais para combater a morte, lutando com a tuberculose, o can-

cro, a lepra, a sífilis, e para melhorar as condições de vida, fazer mais robusto o homem, enriquecer o seu sangue, valorizar as suas energias; que conquista pacientemente as vidas, uma a uma, à custa de um trabalho insano e que tem aniquilado as defezas da Morte à custa de um martirológio sem fim, vê em poucos minutos, em poucas horas arrancar a vida a milhares e milhares de indivíduos, especialmente escolhidos entre os mais fortes, os mais inteligentes, os mais aptos para perpetuar a raça e enriquecer a cultura da humanidade; vê mutilar, inutilizar para a vida social aqueles em que melhor podia confiar o seu futuro; vê desprezado, amesquinhado, roubado o producto do seu trabalho em prol da Humanidade e tudo isto pela guerra! A guerra... monstro vil que, como diz o general Percin, (1) vive à custa da mentira: mentira antes da sua eclosão para a fazer aceitar; mentira para a fazer durar enquanto aprouver à hipocrisia que a gerou; mentira depois do seu fim, para justificar os seus crimes e os seus erros e mascarar os interesses que a suscitaram.

---

(1) General Percin—*Guerre à la Guerre*, Paris, Edit. Montaigne, 1928.

Os médicos zeladores da vida não podem pactuar com os mandatarios da morte; não podem cruzar os braços perante estas manifestações catastrophicas da bestialidade humana. Em lucta contra tudo o que envenena o homem, não pode o médico emudecer perante as toneladas e toneladas de fosgenio de yperite, de levisite (e quantos outros?) que se acumulam nestes tempos de paz precária para as hecatombes pavorosas que preparam os obreiros da morte.

O espectáculo de 10.135.000 mortos da ultima guerra, o sofrimento inenarravel dos vivos, os rios das lagrimas choradas, a coorte sem fim dos estropiados, dos diminuidos irremediavelmente no seu valor social, o negrume, que enche todo o nosso horizonte, da miséria feita em proveito dos grandes potentados, clamam contra a guerra. (1)

---

(1) Saydoux e Robert Lang numa brochura da Sociedade das Nações attribuem à ultima guerra europeia:

Mortos: 10.135.000.

Diminuição dos nascimentos: 20.850.000.

Aumento da mortalidade: 6.150.000.

Gastos: 11.812 biliões de francos-ouro.

A esse cõro de imprecações, de lágrimas, de apêlos, que surge de tôdos os sectores da vida social, enchendo o mundo de polo a polo, juntam os médicos de tôdos os paizes o seu clamor.

Guerra à guerra!

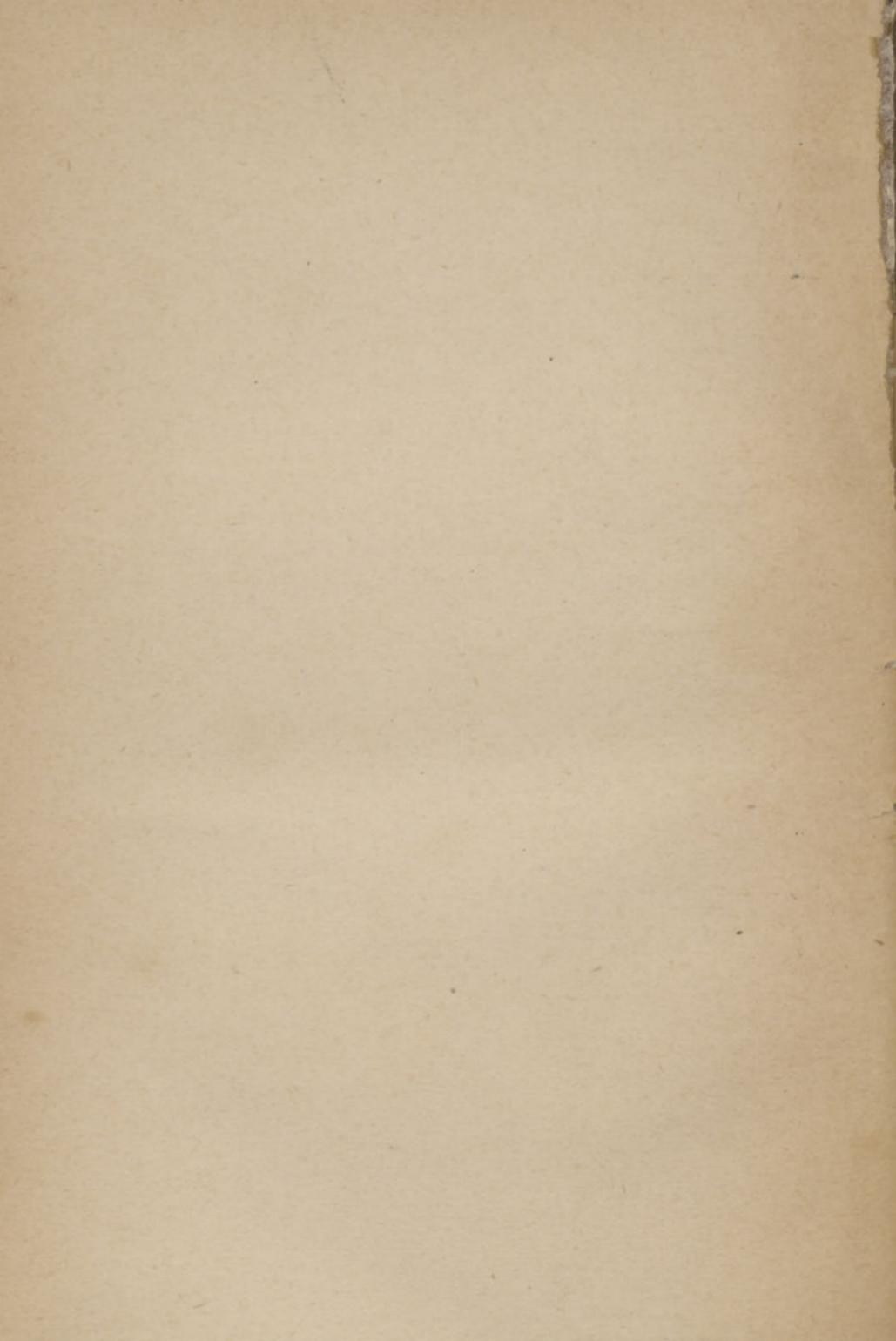
Seja tambem o grito que nos guie, a nós, médicos portugêses, para o coroamento da acção harmonica entre o médico e o meio social, que deve existir e por que tôdos devemos pugnar.



INSTITUTO DE CARVALHO









CENTRO CIÊNCIAS VVA  
UNIVERSIDADE COIMBRA

RÓ  
MU  
LO



\*1329687779\*

# Biblioteca de Estudos Livres

## Obras publicadas

- I—**A Questão Romana**, por Brito Camacho (Considerações preliminares por Tomaz da Fonseca)  
1 vol. . . . . 6\$00
- II—**Tolerancia**, pelo Comandante Aragão e Melo, 1 vol. . . . . 5\$00
- III—**Russia**, por H. Barbusse. Trad. portuguesa, 1 vol. . . . . 8\$00
- IV—**No Rescaldo de Lourdes**, por Tomaz da Fonseca, 1 vol. . . . . 5\$00
- V—**Nun'Alvares - Chefe Militar**, por Belisario Pimenta . . . . . 2\$00
- VI—**O Santo Condestavel - Alegações do Cardeal Diabo**, por Tomaz da Fonseca. . . . . 2\$50
- VII—**O Médico e o Ambiente Social**, por Geraldino Brites . . . . . 2\$00

## No prelo

**Do ensino confessional à escola única**, pelo Dr. Neves Rodrigues (antigo inspector escolar)  
**A Bancarrota**, (Exame à escrita das agencias divinas), por Tomaz da Fonseca.

---

**INSTITUTO DE ESTUDOS LIVRES**

R. de Quebra Costas — COIMBRA